

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

ELIANE DE OLIVEIRA GALASTRI

GUIA PARA A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO DIALETO PAULISTA



ARARAQUARA – S.P.

2011

ELIANE DE OLIVEIRA GALASTRI

GUIA PARA A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO DIALETO PAULISTA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

ARARAQUARA – S.P.

2011

Galastri, Eliane de Oliveira

Guia para a transcrição fonética do dialeto paulista / Eliane de Oliveira Galastri. – 2011

32 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

1. Linguística. 2. Fonética. I. Título.

ELIANE DE OLIVEIRA GALASTRI

GUIA PARA A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO DIALETO PAULISTA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Data da defesa/entrega: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari
FCL/UNESP/Araraquara
(Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

Membro Titular: Profa. Mestre Kelly Priscila Lóddo Cezar
FCL/UNESP/Araraquara
(Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

Membro Titular: Profa. Mestre Maria Sílvia Pereira Rodrigues Alves Barbosa
FCL/UNESP/Araraquara
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

RESUMO

Criada para permitir a leitura, a escrita é uma forma de representação da fala. Porém, ela não representa, de maneira exata, os seus sons, deixando essa tarefa para os sistemas alfabéticos de transcrição fonética. O sistema mais utilizado atualmente é o da Associação Internacional de Fonética (IPA), cujos símbolos designam, cada um, um possível fonema ou alofone. Tal alfabeto é baseado nas possibilidades articulatórias do homem. O objetivo neste trabalho é formular um guia de transcrição fonética para o dialeto paulista, que funcionará como base tanto para a criação de dicionários e obras semelhantes, como para produções relacionadas à tecnologia. Foram definidas regras para tal propósito, baseadas em pesquisas e coletas de dados sobre o referido dialeto. É importante lembrar, ainda, do comprometimento estabelecido entre a representação fonética e a representação ortográfica dos vocábulos.

Palavras-chave: Transcrição fonética. Dialeto Paulista. Regras de transcrição fonética.

ABSTRACT

Designed to allow reading, the writing system is a form of representation of speech. However, it does not represent phonetic sounds exactly. This task is realized by phonetic alphabets, with specific phonetic transcriptions. The International Phonetic Association Alphabet (IPA) is most currently used. This alphabet is based on the articulatory possibilities of man. The aim of the present work is to write a phonetic guide to transcribe the Paulista dialect. A phonetic transcription is important in the creation of dictionaries and in the production of speech technologies. It has been established rules to guide the transcriptions. These rules have been defined taking into consideration a standard variety of Paulista dialect. The phonetic rules were set up to facilitate reading in relation to the spelling of Portuguese.

Keywords: Phonetic transcription. Paulista dialect. Rules for phonetic transcription.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVO	11
3 RELEVÂNCIA	12
4 ORTOGRAFIA: SISTEMA CONGELADO	13
5 TRANSCRIÇÃO FONÉTICA	15
6 ALGUNS TIPOS DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA	18
7 MATERIAL	19
8 METODOLOGIA	20
9 REGRAS DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA	21
9.1 Vogais	21
9.1.1 Vogais orais	21
9.1.2 Vogais nasais	23
9.2 Ditongos	23
9.2.1 Ditongos orais	24
9.2.2 Ditongos nasais	25
9.3 Consoantes	26
9.3.1 Oclusivas	26
9.3.2 Fricativas	27
9.3.3 Nasais	27
9.3.4 Laterais	27
9.3.5 Vibrantes (róticas)	28
9.3.6 Africadas [tʃ dʒ]	28
9.4 Marcação da tonicidade	29
9.5 Alguns casos de variação não contemplados na transcrição	30
10 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Durante o período de seis meses (de julho de 2010 a janeiro de 2011), participei como colaboradora na realização da transcrição fonética de palavras do português para um dicionário francês-português, encomendado pela Editora K. Dictionaries (Tel Aviv). Para a concretização desse trabalho, foi utilizado o programa *XMLmind XML Editor*, que roda no Windows, cuja aplicação principal é formar banco de dados (database), o que permite maior organização dos arquivos. Nesse sistema de trabalho, a fonte utilizada foi Arial Unicode MS nas extensões do IPA (*International Phonetic Alphabet*).

Além disso, foi utilizado, em alguns arquivos, o programa *Microsoft Office Excel*, visto que proporciona um formato do arquivo em tabelas, o que os deixam bastante organizados para a realização das transcrições. O sistema de trabalho adotado partiu da forma ortográfica do vocábulo ou expressão, que passa a ser pronunciada e transcrita. O contexto para as convenções parte da ortografia e não diretamente da pronúncia, apresentando, assim, certo compromisso com a ortografia, procurando facilitar a pronúncia e ajudar na memorização, evidenciando o quanto ela pode se aproximar da forma escrita das palavras. O trabalho exigiu, então, certa generalização comprometida com a ortografia, sem comprometer o valor original dos símbolos do IPA.

A versão do dicionário preparada pela editora continha o vocabulário típico do português europeu e suas respectivas transcrições fonéticas. Foi mobilizada, então, uma equipe de trabalho da Universidade Estadual Paulista (UNESP) do campus de São José do Rio Preto para fazer as adaptações dos vocábulos e expressões para o português brasileiro. Para colaborar com o projeto, foi montada, pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, uma equipe de sete alunos da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara, sob sua coordenação, para realizar as transcrições fonéticas das palavras do português, de acordo com a pronúncia brasileira. Tal trabalho exigiu um tempo (cerca de um ano), ficando a revisão das transcrições sob a responsabilidade do coordenador, antes de enviá-las à editora.

A minha participação no trabalho foi bastante prática e produtiva, pois fui incumbida da tarefa de fazer as transcrições fonéticas dos vocábulos da Língua Portuguesa falada no Brasil, presentes no dicionário, junto com os demais integrantes da equipe. Foi feita uma reunião com os membros do projeto, os quais receberam as regras que deveriam ser usadas para a realização das transcrições.

Os arquivos chegavam até os membros do projeto por meio do professor coordenador do trabalho. Dentro de algumas semanas os arquivos eram retornados para a devida revisão. A maioria das comunicações entre os membros do projeto foi feita através da internet. Houve, também, alguns encontros para o esclarecimento de dúvidas quanto à transcrição de determinadas palavras que apresentavam variantes estigmatizadas ou livres, como por exemplo, as que tinham a possibilidade de serem transcritas com [e] ou [ɪ], com [o] ou [ʊ].

Alguns exemplos:

vegetal [veʒe'tau]	vender [ven'der]
vegetação [vezeta'sẽũ]	entregar [ɪntre'gar]
veículo [ve'ikulu]	sexta-feira [sesta'feira]
véspera ['vespera]	venenoso/-osa [vene'nozu/-ɔza]
vigília [vi'ziʎa]	venerar [vene'rar]
velar [ve'lar]	vingança [viŋ'gẽsa]
zelar para algo [zelarpara'auɣu]	vingar [viŋ'gar]
veia ['veia]	veneno [ve'nenu]
bicicleta [bisi'klɛta]	vir [vir]
ciclomotor [siklomo'tor]	vento ['ventu]
veludo [ve'ludu]	
aveludado/-da [avelu'dadu]	venda ['venda]
cremoso/-osa [kre'mozu/-ɔza]	
peludo/-da [pe'ludu/-da]	um leilão [ũlei'lẽũ]
vindima [vin'dʒima]	
vindimar [vindʒi'mar]	ventilador [ventʃila'dor]
vendedor/-ra [vende'dor/-ra]	

O primeiro passo para o início dos trabalhos, e a primeira dificuldade encontrada pelo grupo, foi definir uma variedade da língua portuguesa. A Língua Portuguesa falada no Brasil tem, claramente, não uma norma culta, mas várias: a fala paulista, a carioca, a mineira, a do Sul, a do Nordeste, a do Centro-Oeste e a do Norte. Embora exista um grau de homogeneidade bastante alto na fala brasileira, há diferenças notáveis em vários níveis gramaticais, incluindo o fonético. Escolheu-se, então, o dialeto paulista (variedade do português falado no Estado de São Paulo), por se tratar de um dialeto bastante presente na mídia. Porém, assim como acontece com as demais variedades dialetais do português falado no Brasil, esse dialeto traz algumas variações internas, que podem ser facilmente definidas sociolinguisticamente: idade, grau de instrução, comunidades com usos particulares, entre outros aspectos. Desse modo, depois de se estabelecer o dialeto paulista como o que seria usado nas transcrições, o passo seguinte foi definir melhor o que se entendia por dialeto paulista *standard*, ficando estabelecido que seria a pronúncia das pessoas cultas, principalmente de pessoas expostas na mídia em telejornais e em programas culturais.

É preciso destacar a influência do Jornal Hoje e do Jornal Nacional, ambos da TV Globo, assim como do Globo Repórter, como modelo de “bem falar” para muitos brasileiros. Todavia, a fala dos locutores desses telejornais é o reflexo de uma variedade inventada pela mídia para não deixar em evidência traços dialetais, seja do carioca ou de outros na pronúncia dos locutores, pois tais traços não seriam muito agradáveis para algumas comunidades de falantes.

Após a realização de um estudo piloto, percebeu-se que a fala dos âncoras desses telejornais evitava vários traços fonéticos do dialeto carioca, como o uso das fricativas alveopalatais em posição de coda (travando sílaba) e processos de redução vocálica típicos dos cariocas. Foi realizada, então, uma breve comparação dessa fala com a de outros dialetos, concluindo-se que a fala dos locutores investigados está mais próxima do dialeto paulista do que do dialeto carioca, na prática. É possível confirmar tal conclusão ao analisar o contraste entre a pronúncia deles com a pronúncia carioca que aparece nos demais programas da emissora. Devido a tais fatos, a decisão foi optar pelo dialeto paulista para fazer a transcrição fonética dos vocábulos presentes no dicionário.

Como forma de apoio para a escolha da pronúncia a ser usada no trabalho, realizou-se uma pesquisa em alguns dicionários (WEISZFLOG, 2000; PROCTER, 1995; LUFT, 2001;

FERREIRA et alii, 1999; HOUAISS et alii, 2004) para observar como a transcrição fonética foi feita. Essa pesquisa não contribuiu para os trabalhos diretamente.

Depois da escolha do dialeto, o segundo passo foi estabelecer um conjunto de regras de transcrição para que o trabalho fosse padronizado. Como resultado, obteve-se uma transcrição moderna, atual, mais próxima das novas gerações, por exemplo, com relação ao uso das africadas. É importante lembrar que, com relação às variantes mais notáveis, foram excluídos os sons retroflexos [ɺ ɻ] e dada preferência às africadas diante da vogal [i], ao invés das oclusivas alveolares. Houve também um grande cuidado no uso exato dos símbolos do IPA, sem adaptações e um rigor na transcrição da realidade fonética na perspectiva estabelecida.

Ao longo do trabalho, o grupo se deparou com diversas dificuldades. Uma delas foi a transcrição de variantes não estigmatizadas, ou livres. Surgiram grandes dúvidas quantos às transcrições de tais vocábulos, pois dentro do próprio grupo havia variações quanto ao uso do [e] ou do [ɪ], do [o] e do [ʊ], do [tʃ] e do [t], do [dʒ] e do [d]. Outra dificuldade foi a de estabelecer um sistema consistente que refletisse a pronúncia real dos falantes. Porém, por conta dos vários dialetos existentes, ficou claro que não seria possível realizar tal objetivo. A solução encontrada foi idealizar um falante paulista que usasse uma variedade padrão da língua.

A pronúncia desse falante foi retratada em uma guia de transcrição, que deveria ser seguido pelos que faziam as transcrições.

2 OBJETIVOS

Este trabalho apresenta como objetivo principal, a formação de um guia de transcrição fonética para quem precisar fazer uma transcrição fonética do português brasileiro, levando em consideração o fato de que o dialeto paulista é o mais difundido na mídia, portanto, o mais comum a ser ouvido, podendo ser considerado uma boa escolha sociolinguística.

O guia serve também para ajudar estudiosos da fala brasileira, mostrando uma variedade bem definida e apresentada com certo grau de sofisticação. O material resultante constitui um corpus para pesquisas fonológicas e morfológicas. Além disso, transcrições fonéticas servem para o aprendizado da língua portuguesa, como língua estrangeira.

3 RELEVÂNCIA

Cabe a este trabalho o intuito de ajudar os estrangeiros a pronunciar corretamente o português brasileiro, aprendendo um dialeto que seja mais comum aos ouvidos do falante nativo, pois o dialeto paulista é o mais falado na mídia. Por meio de transcrições fonéticas, o estrangeiro consegue ter uma visão exata da pronúncia do idioma que está aprendendo, pois a transcrição é uma forma de descrever a fala, de mostrar o som da língua, o que não é possível conhecer por meio da ortografia. Através das transcrições fonéticas, é possível, ainda, auxiliar professores de português no ensino da língua, mostrando aos alunos a pronúncia exata das palavras, as entonações, entre outros aspectos.

Este trabalho fornecerá subsídios para a elaboração de dicionários que possuem transcrição fonética para a verificação da pronúncia das palavras. Isso porque será possível consultar, neste trabalho, as regras para uma transcrição fonética do dialeto paulista, facilitando, assim, o trabalho de quem produz esse tipo de material. Além disso, outra área beneficiada será a informática, pois fornece dados para pesquisas sobre a fala para realização de projetos como o reconhecimento automático, sínteses, telecomunicação, atendimento automático, entre outros. Para tais processos, é necessário ter conhecimento da pronúncia exata das palavras, para que uma máquina, como o computador, seja capaz de reconhecer, identificar e processar um comando de voz.

4 ORTOGRAFIA: SISTEMA CONGELADO

Sabemos que a escrita, cujo objetivo é a leitura, caracteriza-se por resistir a mudanças e alterações. A ortografia surge exatamente de um “congelamento” da grafia das palavras, fazendo com que ela perca sua característica básica de ser uma escrita pelos segmentos fonéticos, passando a ser a escrita de “uma palavra de forma fixa”, independente de como o escritor fala ou o leitor diz o que lê. Nos sistemas de escrita ideográficos, a resistência é maior ainda do que nos sistemas alfabéticos, porque, nas línguas, os conceitos semânticos mudam menos e mais vagarosamente do que os segmentos fonéticos. (CAGLIARI, 1986, p.99)

Podemos entender, então, que a ortografia é um sistema congelado que serve para neutralizar a variação lingüística. Em cada idioma, existem variedades linguísticas, isto é, os falantes de uma determinada língua não falam de maneira exatamente igual, existem diferentes formas de pronunciar os vocábulos. Por exemplo, no português, um falante nativo pode falar *tchia* ou *tia*; *djia* ou *dia*; *pótchi* ou *póti* ou *póte*.

Essas diferenças gerariam um verdadeiro caos se cada um escrevesse de acordo com a sua pronúncia, isto é, se a linguagem escrita fosse uma transcrição fonética, propriamente dita, da fala dos indivíduos, pois resultaria em desentendimentos entre os leitores de documentos produzidos em regiões diferentes de um mesmo país, por exemplo. Para que isso não ocorresse, foi criada a ortografia, que dita regras de como escrever as palavras, neutralizando as diferenças e permitindo que um falante da região sul e outro da região nordeste leia uma mesma palavra e a entenda.

Seja qual for o sistema de escrita (ideográfico ou fonográfico) ele possui uma ortografia. Por exemplo, os números (sistema ideográfico) possuem regras de escrita assim como as palavras. Se formos escrever o número nove utilizando o sistema ideográfico, temos que seguir a regra e colocar uma bolinha na parte superior esquerda de um tracinho, que poderá ter uma curvatura na sua parte inferior ou não (9). Segundo Cagliari (2007), a ortografia surge com o uso da escrita. Conforme a língua vai sendo mais difundida, vai-se consolidando uma tradição de escrita, passando a ser usada por pessoas comuns. Assim como as línguas, a ortografia também é dinâmica, isto é, vai mudando com o passar do tempo. Isso ocorre devido a novos modismos ou por ignorância, porém, esse processo é lento e muito mais demorado do que as mudanças e modismos que ocorrem na linguagem oral.

Sabe-se que existe certa discriminação social com relação à variação lingüística. Desse modo, a fala das pessoas da classe mais alta de uma sociedade torna-se a fala padrão de uma língua, enquanto que a fala das pessoas de menor prestígio fica sendo entendida como a fala errada da língua. Assim, pode-se dizer que a ortografia é neutra, ou seja, funciona menos

como objeto de discriminação social, pois não reflete a fala de ninguém em específico. Quanto menos se mexe na ortografia de uma língua, mais neutra ela se torna, pois, como sabemos, as reformas ortográficas privilegiam as classes mais prestigiadas, sendo mais favoráveis aos falantes da chamada norma culta. Quanto mais neutra for a ortografia, melhor para uma sociedade que sofre tanto com a discriminação social por meio da linguagem.

5 TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

Pode-se dizer que a transcrição fonética é um sistema de escrita fonográfico. Isso por que se trata de um sistema de escrita que procura representar os sons da fala por meio de símbolos, cada um figurando um som. Porém, diferentemente do alfabeto que usamos para escrever a língua portuguesa, os símbolos que são utilizados para as transcrições representam mais fielmente tais sons produzidos por nós quando falamos.

A fonética é uma das áreas da Linguística que estuda os sons da fala. Ela se ocupa em descrever tais sons, isto é, dizer como ele é produzido no aparelho fonador, seu modo e lugar de articulação, entre outros aspectos. A fonética pode ser estudada de três modos diferentes: pela maneira como os sons são produzidos (fonética articulatória), pela maneira como os sons são transmitidos (fonética acústica) e pela maneira como os sons são percebidos (fonética auditiva). Pode-se dizer, então que a fonética é uma ciência basicamente descritiva.

Segundo Cagliari; Massini-Cagliari (2001), os estudos de fonética são tão antigos quanto as gramáticas. Além disso, constituem os bastidores da formação dos sistemas de escrita mais antigos. Porém, só no século XIX foi que surgiram os primeiros laboratórios de fonética experimental.

Nas transcrições fonéticas, o que se ouve é representado entre colchetes, em termos de segmentos denominados vogais ou consoantes. Dentro dessa atividade, o que os foneticistas usam são as possibilidades articulatórias do homem, desse modo, quaisquer sons que designem um fonema ou um alofone em determinada língua, serão representados por símbolos próprios, individuais.

Para que uma transcrição fonética seja bem feita, são exigidos dois tipos de exercícios: o treinamento de audição, que permite que a pessoa que vai trabalhar com transcrição saiba ouvir sons individuais (estando em qualquer tipo de contexto, de qualquer extensão) reconhecendo, assim, a que categoria pertence cada segmento, de acordo com as possibilidades articulatórias do homem, e o treinamento de produção, que treina o indivíduo a dizer todos os segmentos de maneira individual ou combinado com qualquer outro, em qualquer sequência.

Durante toda sua história, a fonética conheceu vários sistemas de transcrição. Atualmente, o mais usado é o da Associação Internacional de fonética, mais conhecida como IPA (*International Phonetics Association*). Tal alfabeto possui mais de cem anos, mas já foi reformulado em alguns de seus aspectos menos importantes. Outro sistema de transcrição, porém menos difundido é o do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), propagado por Kenneth

Lee Pike, bastante utilizado na transcrição de línguas indígenas. Apesar disso, este alfabeto está, atualmente, cedendo lugar ao IPA.

De acordo com Cagliari; Massini-Cagliari (2001), para se fazer uma transcrição fonética, é melhor que o informante esteja presente, sendo os recursos de gravação utilizados apenas como forma de documentação. O linguista ouve o que o informante diz e repete, até que o primeiro diga que está tudo correto. É importante que se anote todas as características dos segmentos, como duração, acento, tom, qualidade de voz, etc. O ideal, ainda, é que se grave toda a sessão, para que seja possível fazer uma revisão do trabalho posteriormente.

É permitido aos foneticistas executarem vários tipos de transcrição fonética (ABERCROMBIE, 1964), sendo elas mais detalhadas ou fonológica (contendo menos detalhes) (ABERCROMBIE, 1967). Geralmente, o emprego dos diacríticos e de marcas é evitado ao máximo.

Por outro lado, a transcrição fonética para um dicionário ou para um guia de determinado dialeto não é uma tarefa simples. Não se trata apenas da transcrição da fala de um indivíduo ou de um grupo restrito de pessoas. No caso de dicionários e guias, a transcrição que aparece não é simplesmente um retrato da fala de uma norma culta, de um dialeto padrão, mesmo quando se tenha tal objetivo em mente. Há sempre um comprometimento estabelecido entre a representação fonética (a fala da língua de modo predominante em uma de suas variantes) e a representação ortográfica dos vocábulos.

Ao realizar uma transcrição fonética, devemos nos atentar para determinados elementos presentes na fala, como os segmentos, que são as vogais e as consoante e a prosódia, que são as unidades maiores, como as sílabas, os acentos, o ritmo, o tempo, a entoação, a tessitura e a qualidade de voz. Há, ainda, os suprasegmentos, que às vezes podem ser sinônimos de prosódia ou representar alguma propriedade, como duração segmental, nasalização, articulações secundárias, entre outras.

Existem, também, as unidades que constituem os segmentos, isto é, são unidades menores do que eles. São os traços ou propriedades distintivas: vozeamento, lugar e modo de articulação.

A transcrição fonética possui diversas funções. Dentre elas, podemos citar algumas que são: indicar, nos dicionários, a pronúncia correta das palavras, servir de base para a criação de um sistema escrito de uma língua ágrafa, assim como é feito com as línguas indígenas e, também, pode ser usada em livros, para definir sons de uma língua que faça uso de um alfabeto não latino. Além disso, é possível usar transcrições fonéticas no ensino de

língua estrangeira, fazendo com que o aprendiz realize a pronúncia correta dos vocábulos no idioma em que está aprendendo.

Ademais, tal área da fonética contribui bastante para o desenvolvimento de tecnologias que fazem uso dos elementos sonoros da fala, como a engenharia de telecomunicações (telefonia), as ciências da computação (reconhecimento e produção da fala) (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2001), entre outras.

6 ALGUNS TIPOS DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

Ao longo do tempo foram criados e desenvolvidos diversos sistemas de transcrição fonética que são utilizados até os dias atuais. Dentre eles podemos citar alguns mais relevantes.

A transcrição do tipo *broad* (fonêmica) consiste em algo menos detalhado. Partindo de uma transcrição impressionista (mais detalhada), o especialista deduz a estrutura do sistema sonoro da língua e, a partir daí, substitui a antiga transcrição por uma mais sistemática, capaz de reproduzir apenas os elementos cruciais para alcançar o significado da língua. Em oposição a esse trabalho, existe a transcrição *narrow* (alofônica), que trabalha com os detalhes e as diferenças entre os sons subfonêmicos.

Além disso, temos, ainda, os sistemas de notações alfabéticas, que se trata da obtenção de um símbolo simples para cada segmento, sendo utilizado, aqui, o alfabeto romano; os sistemas estenográficos, se tratando de abreviações; os icônicos, que tentam alcançar a natureza fonética dos sons através da sua forma, porém, possuem numerosas desvantagens, como a dificuldade em lê-los e reproduzi-los, e em adaptá-los a mudanças; os orgânicos, cujas formas lembram o aparelho fonador e o sistema “analfabético”, em que os símbolos são compostos por vários elementos, lembrando, até, fórmulas químicas.

Além dos sistemas apresentados, John C. Catford foi um dos responsáveis pela elaboração de um sistema antropofônico, isto é, ele pretende descrever todas as possibilidades articulatórias do homem. Para isso, ele ressalta a descrição da atividade aerodinâmica nos processos articulatórios, além de expor categorias mais detalhadas para especificar, de maneira exacerbada, os pontos articulatórios (língua e lábios). O estudioso considera, ainda, que o uso de diferentes sistemas descritivos para as vogais e consoantes é inconsistente, porém afirma que o procedimento tradicional, baseado em vogais cardinais, isto é, nas vogais que fazem parte de um sistema padrão, permanece o mais prático.

Dentre todos os sistemas mencionados, o mais utilizado, atualmente, são os dois primeiros combinados com o sistema de notação alfabética, ou seja, o sistema mais difundido é o que apresenta como principal fonte o alfabeto romano, contendo um símbolo para cada segmento, pois trata-se do sistema adotado pelo IPA.

7 MATERIAL

Para a realização deste trabalho, foram utilizadas pessoas nativas do estado de São Paulo, já que o dialeto escolhido foi o paulista. Assim, serviram como modelos de falantes o próprio orientador do projeto, Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, junto com o grupo que participou do projeto do dicionário encomendado pela editora K. Dictionaries, incluindo a minha presença. Obviamente, como já foi dito, apenas os integrantes paulistas colaboraram com a coleta de dados.

Foram utilizadas transcrições fonéticas feitas ao vivo, isto é, não houve gravação prévia das falas dos participantes. Em diversas reuniões feitas pelo grupo, foram recolhidas palavras e frases dos voluntários para que fosse feita a transcrição no momento da fala e, assim, fosse sendo estabelecidas determinadas regras para a transcrição fonética do dialeto paulista, sendo possível, desse modo, instituir um guia para transcrições fonéticas do dialeto paulista. Assim, os integrantes do grupo, junto com o orientador do projeto constituíram o conjunto de informantes dos dados coletados para a realização do trabalho.

Além das pesquisas de campo já citadas, foram utilizados também, como material de pesquisa, dicionários e livros de fonética, para que eu tivesse conhecimento de como eram feitas as transcrições fonéticas, quais as regras utilizadas, quais os conceitos mais comuns de transcrição fonética, qual tipo de transcrição é mais usado, entre outros aspectos. O que pude notar foi que a maioria dos dicionários trazia a variedade carioca do português e uma pequena parte revelava uma transcrição referente ao dialeto paulista.

Assim, o presente trabalho se apoia em pesquisas de embasamentos teóricos e pesquisas de campo, sendo feitas as coletas de dados para a formulação do guia de transcrição fonética do dialeto paulista.

8 METODOLOGIA

Para a realização das transcrições fonéticas do dialeto paulista, foi utilizada, como principal instrumento de trabalho, as normas do alfabeto fonético internacional (IPA). Trata-se de um padrão de representação fonética para todas as línguas. Seu gráfico é constituído basicamente pelo alfabeto latino, já que a maioria dos idiomas possui raízes latinas. Assim, grande parte dos símbolos utilizados pelo IPA é de origem latina ou grega, de modo que apenas a minoria desses símbolos foi criada exclusivamente para o IPA. Foi preciso, para usar esse método, um treinamento fonético, contendo exercícios de audição e de produção.

O tipo de transcrição fonética utilizada varia entre as formas narrow e broad, isto é, varia entre uma transcrição alofônica, levando em consideração as variantes de um determinado fonema e uma transcrição fonêmica, que considera apenas o fonema das palavras. Procurou-se evitar os diacríticos e os acentos secundários, a fim de simplificar as regras de transcrição, utilizando apenas o acento principal das palavras. Desse modo, ficou determinado que se juntasse as palavras átonas e os clíticos com a palavra que possui o acento tônico.

9 REGRAS DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

Os princípios de transcrição fonética apresentados abaixo foram estabelecidos para que houvesse uma uniformização das transcrições do dialeto paulista. As regras apresentadas abaixo são as mesmas usadas na transcrição fonética dos dados do dialeto paulista para a editora K Dictionaries (veja, comunicação da AIL em Faro *Um modelo de transcrição fonética para um dicionário*).

9.1 Vogais

De acordo com Cagliari; Massini-Cagliari (2001), as vogais são caracterizadas por serem sons produzidos a partir da passagem da corrente de ar pela cavidade oral, onde não encontram obstáculos e não produzem fricção. Na realização dos sons vocálicos, a posição da língua será com a ponta abaixada e a superfície em forma convexa. A seguir serão apresentadas algumas regras para a transcrição fonética das vogais.

9.1.1 Vogais orais

As vogais orais do português do Brasil são: [a e i o u α ɔ ε υ ɪ]. Tais vogais aparecem em núcleo de sílaba e na formação de ditongos. A vogal [α] só ocorre em início de ditongo, seguida de [υ].

Em sílabas tônicas, não aparecem as vogais [υ ɪ]. Apenas as vogais orais [a e i o u α ɔ ε], como podemos ver em *mata* ['mata], *gelo* ['zɛlʊ], *grito* ['gritʊ], *olho* ['oʎʊ], *muro* ['murʊ], *mole* ['mɔɪ], *reta* ['xɛta].

Já nas sílabas átonas, temos algumas regras:

a) Em posição átona, as vogais [ɔ, ε] ocorrem apenas em palavras derivadas: *cipozinho* [sipɔ'ziɲʊ], *pezinho* [pɛ'ziɲʊ].

b) Em sílaba átona inicial, podem ocorrer todas as vogais orais, exceto a vogal [ʊ]. A vogal [ɪ] ocorre somente diante das fricativas alveolares [s, z]: *escola* [ɪs'kɔla], *exame* [ɪ'zɛmɪ].

c) Em posição pretônica não inicial, a alternância de [e] para [ɪ] e de [o] para [ʊ] ocorre em algumas palavras, mas não é uma regra geral. Levando-se em consideração tal variedade da língua, é preferível fazer a transcrição com [e] ou com [o] sempre que a ortografia trazer as letras E ou O, por exemplo: *chacoalhar* [ʒakoa'lar], *enseada* [ẽise'ada].

Nos finais de palavras em –ear e –oar, pode ocorrer uma pronúncia ditongada ou com hiato. Esses podem ser transcritos com [ɪ, ʊ]: *grampear* [gɛmpɪ'ar], *amontoar* [amontʊ'ar]. O mesmo pode ser feito para as terminações –ário e –ório: *armário* [ar'mariʊ], *notório* [no'tɔriʊ].

d) Em posição postônica não final, não ocorrem as vogais [ɔ, ɛ]. Do mesmo modo que no item c, devido a variação, é preferível que se faça a transcrição utilizando [i, e, u, o] quando a ortografia trazer as letras I, E, O, U: *último* ['ʊtʃimʊ], *ímpeto* ['impɛtʊ], *pérola* ['pɛrola], *óculos* ['ɔkulʊs]). Nos casos em que possa haver uma variante com um ditongo, a regra continua a mesma de cima: *demônio* [de'moniʊ], *mútua* ['mutua].

e) Em posição final átona, no português brasileiro ocorrem apenas as vogais [a, ʊ, ɪ]: *dela* ['dɛla], *dele* ['dɛlɪ], *dedo* ['dedʊ].

9.1.2 Vogais nasais

Temos no português brasileiro as seguintes vogais nasais: [ẽ ẽ̃ ĩ õ õ̃ ũ ũ̃ ĩ̃]. É plenamente possível a ocorrência da nasalidade em todos os contextos silábicos, isto é, tônico, átono, inicial, medial e final. É mais comum a formação de ditongos nasais do tipo [ẽĩ] e [õũ] do que a ocorrência de vogais nasais simples [ẽ̃] e [õ̃]. Segue algumas regras para a transcrição desse tipo de som:

a) Diante de consoante oclusiva, usa-se a vogal sem til, porém com a consoante nasal homorgânica à oclusiva: *tenda* ['tenda], *canta* ['kenta], *combinar* [kombi'nar]. Nestes casos, usa-se a vogal [e] em vez da vogal [a].

b) Diante de consoante fricativa, lateral ou rótica, as ocorrências vocálicas nasalizadas com [ẽ, õ,] são sempre ditongos nasais [ẽĩ, õĩ, õũ], as com [ũ, ĩ] são representada com as vogais nasais simples [ũ, ĩ], sem a presença de consoante nasal seguinte: *desistência* [dezis'tẽisia], *corações* [kora'sõis], *conceder* [kõũse'der]; *ânsia* ['ẽsia], *insipiente* [ĩsipi'entʃĩ], *função* [fũsẽũ].

c) As vogais nasais [ẽ̃, õ̃], apesar de ocorrerem na fala de alguns paulistas, estão sendo, atualmente, substituídas por [ẽ, õ]. Sendo assim, elas não aparecem nas transcrições: *fome* ['fomĩ], *homem* ['omẽĩ], *treme* ['tremĩ], etc.

9.2 Ditongos

Algo comum no português do Brasil é a presença de muitos ditongos orais e nasais. Geralmente, quando a vogal [ĩ] ou [ʊ], aparece precedida ou seguida por outra vogal de timbre diferente, costuma haver um ditongo com as duas vogais. Um aspecto que colabora para a diferenciação do ditongo e do hiato é a marca da tonicidade, quando cai entre as duas vogais. No dicionário, os ditongos não foram assinalados com o diacrítico tradicional, como

em *vou* [vov̥], *sei* [sẽi], nem se fez uso dos símbolos [j] e [w] (cf. *vou* [vow], *sei* [sej]). Sendo assim, a regra continua valendo neste trabalho.

9.2.1 Ditongos orais

Esse tipo de ditongo pode ocorrer em sílabas tônicas e em sílabas átonas: *direito* [dʒi'reitv̥], *couro* ['kourv̥], *reitor* [xei'tor], *roubar* [xov̥'bar]. Um ditongo é identificado quando as vogais [v̥ i] ocorrem precedidas ou seguidas de outro tipo de vogal. É possível que, em alguns casos, haja variação com a presença de um hiato entre as vogais, como ditongos em: *fui* ['fui], *vou* ['vov̥]; variantes com hiatos: *vôo* ['vov̥] ~ ['vou]; *enfiar* [ẽĩ'fiar] ~ [ẽĩ'fi'ar] etc.

Abaixo estão algumas regras para a transcrição dos ditongos:

a) Os ditongos podem variar com formas não ditongadas: *cadeira* [ka'deira] ~ [ka'dera], *caixa* ['kaĩʃa] ~ ['kaʃa], *ouro* [ourv̥] ~ [orv̥] etc. Nas transcrições é melhor que se opte por representar sempre a forma ditongada e não a reduzida.

b) Não se marca com ditongos as sílabas tônicas finais de palavras acabadas em fricativa alveolar surda: *vocês* [vo'ses], *rapaz* [xa'pas], *voz* ['vɔs].

c) Os ditongos crescentes se iniciam com [v̥] e ocorrem apenas após uma consoante oclusiva velar: *guarda* ['guarda], *quadro* ['kvadrv̥]. Em outros contextos, pode ocorrer uma variação entre uma forma ditongada e um hiato: *voar* ['vɔar] ~ [vu'ar], *flutuar* [flu'tɔar] ~ [flutu'ar], *atenuar* [ate'nɔar] ~ [atenu'ar], *acentuação* [asentua'sẽũ] ~ [asentua'sẽũ] etc.

d) Alguns ditongos aparecem escritos com as letras E e O. Na transcrição aparecem os sons [i, v̥]: *enfear* [ẽĩfei'ar]; *maometano* [maume'tenv̥].

e) Alguns ditongos aparecem escritos com as letras I e U. Na transcrição aparecem os sons [i, v̥]: *fluido* ['fluidv̥], *flauta* ['flaɔta], etc.

9.2.2 Ditongos nasais

Além dos ditongos orais, o português brasileiro apresenta muitos ditongos nasais, em todos os tipos de sílaba (tônica, átona, inicial, medial e final): *mãe* ['mẽĩ] , *são* ['sẽũ], *ações* [a'sõĩs], *ruim* ['xũĩ].

Algumas regras de transcrição são apresentadas a seguir:

a) Diante de consoante oclusiva no início da sílaba seguinte, não ocorre a transcrição com ditongo, apenas a transcrição com a vogal sem til seguida da consoante nasal homorgânica. Essa é uma pronúncia típica do dialeto paulista: *penete* ['pentʃɪ], *comprar* [kom'prar], etc.

b) Diante de consoante nasal em posição de *onset*, mesmo sendo uma nasal palatal, a transcrição anota apenas a qualidade da vogal, sem til e sem marcar ditongo nestes contextos (cf. *banha* ['beɲa], *lenha* ['leɲa]).

c) Em palavras como *caimbra* ['keɪmbra], *andaime* [en'deɪmɪ] etc. aparece transcrito o ditongo nasal [eɪ].

d) Diante de consoantes fricativas, laterais e róticas, a forma que melhor caberá na transcrição é com os ditongos nasais [ẽĩ, õũ]. Nestes casos, nunca ocorre uma consoante nasal após o ditongo e a pronúncia não ditongada não é a mais típica do dialeto paulista: *ensejo* [ẽĩ'seʒu], *enfeite* [ẽĩ'feɪtʃɪ], *conforme* [kõũ'fõrmɪ] , *enlatado* [ẽĩla'tadu], *honra* ['õũxa], etc.

e) Em final de palavras, a única vogal nasal que ocorre sem formar um ditongo e sem ser seguida de consoante nasal é a vogal [ẽ]: *lã* ['lẽ], *irmã* [ir'mẽ], etc. As palavras terminadas com as letras –IM são transcritas com a vogal nasal mais a consoante palatal: *fim* ['fɪɲ], *assim* [a'sĩɲ], etc.

f) As demais realizações nasais em final de palavras são sempre ditongos: *ação* [a'sẽũ], *ações* [a'sõĩs], *vem* ['vẽĩ], *rum* ['xũũ], etc.

g) A palavra *muito* foi transcrita como ['mũĩtu].

9.3 Consoantes

As consoantes do português brasileiro, utilizadas para transcrever o dialeto paulista, são: oclusivas [p b t d k g]; nasais [m n ɲ ŋ]; fricativas [f v s z ʒ ʒ̃]; laterais [l λ]; róticas [r x] e africadas [tʃ dʒ]. É plenamente possível que todas as consoantes ocorram em posição de *onset* inicial ou medial de palavra (exceto [ŋ]). Em posição de coda, em final de palavra, só é possível que apareçam as consoantes [ɲ ŋ s r]. Em posição medial de palavra, ocorrem as nasais [m, n, ŋ] entre uma vogal nasal e uma consoante oclusiva homorgânica. Ainda em posição medial de palavra, podem ocorrer as consoantes [s, z, r].

9.3.1 Oclusivas

a) As consoantes oclusivas [p b t d k g] nunca ocorrem em posição de coda.

b) A ortografia, às vezes, dá a entender que se poderia ter uma oclusiva em final de sílaba. No português brasileiro, a regra geral é a inserção de uma vogal epentética [ɪ] para não permitir que uma oclusiva fique em posição de coda: *objeto* [obɪ'ʒɛtʊ], *pacto* ['pakɪtʊ], *submarinho* [subɪma'riɲʊ], *apto* ['apɪtʊ], *advogado* [adʒivo'gadʊ], etc.

c) O que se escreve com a letra X pode ter o som de [kɪs(ɪ)] em algumas palavras: *tórax* ['tɔɾakɪs], *táxi* ['takɪsɪ], etc.

9.3.2 Fricativas

a) As consoantes fricativas [f v s z ʃ ʒ] ocorrerem em posição de *onset* inicial ou medial de palavras: *faca* ['faka], *vaca* ['vaka], *selo* ['selʊ], *zelo* ['zrlʊ], *chá* ['ʃa], *já* ['ʒa], *café* [ka'fɛ], *cavar* [ka'var], *maçã* [ma'sɛ̃], *dizer* [dʒi'zer], *achar* [a'ʃar], *agir* [a'ʒir].

b) Em final de palavras, ocorre apenas a fricativa [s]: *rapaz* [xa'pas], *lilás* [li'las].

9.3.3 Nasais

a) As consoantes nasais [m n] ocorrem em posição de *onset* no início e no meio de palavras: *mata* ['mata], *nata* ['nata], *cama* ['kema], *cana* ['kena].

b) A consoante nasal palatal [ɲ] ocorre somente em posição de *onset* medial e em posição de coda final (sempre após a vogal nasal [ĩ]): *lenha* ['leɲa], *confins* [kõũfĩɲs]. Apenas em algumas poucas palavras de origem indígena é que essa consoante aparece em posição inicial de palavra: *Nheengatu* [neɲga'tu], *nhambu* [ɲem'bu] ou às palavras *nhô* ['ɲo], *nhá* ['ɲa], *nhoque* [ɲokɪ].

c) A consoante nasal velar [ŋ] ocorre apenas em posição de coda medial, entre uma vogal nasal e uma consoante velar: *banco* ['bɛŋkʊ], *fincar* [fiŋ'kar].

9.3.4 Laterais

a) A lateral alveolar [l] ocorre em posição de *onset* inicial e medial de palavras: *lata* ['lata], *mala* ['mala].

b) A lateral palatal [ʎ] ocorre em posição de *onset* medial: *palha* ['paʎa]. A ocorrência em início de palavras é muito rara: *lhama* ['ʎema], *lhe* [ʎɪ].

9.3.5 Vibrantes (róticas)

No dialeto paulista, encontramos diversos alofones para os fonemas / r x /, que aparecem em variação livre em certos contextos ou em distribuição complementar em outros. Para trabalharmos no dicionário, foram escolhidos os sons [r x] para representar as ocorrências desses fonemas. Desse modo, a regra continua valendo no presente trabalho. O termo "rótico" é usado para indicar um som referente à presença da letra R ou do dígrafo RR na ortografia das palavras. A descrição dos róticos, como a dos demais sons da língua, é feita a partir da fonética e não da ortografia.

a) A vibrante simples fica representada pelo tepe [r]. Aparece em posição intervocálica, quando está em oposição com o fonema /x/, fonologicamente interpretado como "vibrante múltipla". Pode-se encontrar a vibrante simples também como segundo elemento do *onset* e em posição de coda. Porém, ela nunca ocorre em posição inicial de palavra: *caro* ['karu], *praga* ['praga], *fraca* ['fraka], *porta* ['pɔrta], *curta* ['kurta], *estudar* [ɪstu'dar], *vingir* [fĩ'zĩr], *por* ['por].

b) Em início de palavras ocorre apenas a "vibrante múltipla", representada no dialeto paulista pelo som de [x]: *rato* ['xatu], *rio* ['xiu], etc.

9.3.6 Africadas [tʃ dʒ]

É curioso notar que a presença de africadas [tʃ dʒ] no dialeto paulista é um fenômeno novo, ocorrendo mais comumente na pronúncia de falantes mais jovens. Elas ocorrem sempre quando estiverem antes do som de [i] ou de [ɪ], desse modo, podem ocorrer em sílaba tônica ou átona. Se formos comparar o dialeto paulista com o dialeto carioca, veremos que a ocorrência das africadas não se distribui do mesmo modo.

Muitas palavras do dialeto paulista ainda resistem ao alçamento da vogal [e] em [i] ou [ɪ], em sílabas pretônicas. Portanto, nesses casos, não ocorre a africada no dialeto paulista.

Alguns falantes sentem dúvidas em alguns casos. Esse problema precisa ser resolvido através de uma pesquisa específica. Enquanto não se tem uma melhor descrição do fenômeno, optou-se por uma transcrição fonética que representasse uma "certa unanimidade" entre os falantes consultados. Alguns exemplos são apresentados a seguir:

sem africada		com africada	
destreza	[des'treza]	dinheiro	[dʒi'neɪɾu]
artezanato	[arteza'natu]	estúdio	[ɪs'tudʒiʊ]
adesivo	[ade'zivu]	diploma	[dʒi'ploma]
desabrochar	[dezabro'ʃar]	rodear	[xo'dʒɪar]
delicioso	[delisi'ozu]	errante	[e'xentʃɪ]
destreza	[des'treza]	diretor	[dʒire'tor]
desastre	[de'zastɾɪ]	descida	[dʒɪ'sida]

9.4 Marcação da tonicidade

Em relação à tonicidade das palavras, marca-se apenas as sílabas tônicas. Os acentos secundários não são marcados. Em caso de ocorrência de mais de uma palavra, cada uma recebe uma marca de acento. As palavras "átonas", como as preposições, os artigos e os pronomes oblíquos ficam unidas na forma de palavra fonológica: *administração pública* [adʒɪministra'sẽũ 'publika]; *vale-refeição* ['valɪ xefeɪ'sẽũ]; *ir para-os-ares* ['ɪr paraʊ'zairɪs]; *espreguiçar-se* [ɪspregi'sarsɪ].

9.5 Alguns casos de variação não contemplados na transcrição

Encontra-se no dialeto paulista, diversas variantes fonéticas que não foram contempladas nas transcrições do dicionário, pois o projeto do dicionário não comportava a indicação de variações fonéticas, optando por registrar uma única variante (a de maior prestígio, mais comum, ou mesmo da escolha do grupo que fez as transcrições). Porém elas serão expostas aqui para que, talvez, possa ser usada em futuras transcrições fonéticas do dialeto paulista.

1. [ã]: ocorre como efeito da nasalidade, em sílaba átona, seguindo uma consoante nasal. O mesmo ocorre com outras vogais.

cama ['kẽmã]; *menino* [mĩ'nĩnũ]

2. [õũ]: pronúncia comum, variando com [õ]

bomba ['bõũmba] ~ ['bõmba] ~ ['bomba] ~ ['boumba]

3. [ẽĩ]: pronúncia comum, variando com [ẽ]

pente ['pẽĩntʃi] ~ ['pẽntʃi] ~ ['pẽĩtʃi] ~ ['peĩntʃi]

4. [o] de [ou] ~ [o]; [ei] ~ [e] forma ditongada comum quando precede [r, ʒ, ʃ]

pedreiro [pe'dreĩrʊ] ~ [pe'drerʊ]; *deixar* [dei'ʃar] ~ [de'ʃar]

couraça [kou'rasa] ~ [ko'rasa]; *roupa* ['xoupa] ~ ['xopa]

5. [ŋ], [ɲ]: Uso enfático, depois de ditongo ou ditongo reduzido

homem ['õmẽĩ] ~ ['õmẽĩɲ] ~ ['õmẽɲ]; *tem* ['tẽĩ] ~ ['tẽĩɲ] ~ ['tẽɲ]

campo ['kẽɲpʊ] ~ ['kẽmpʊ] ~ ['kẽpʊ]; *lã* ['lẽ] ~ ['lẽɲ]

6. A pronúncia sem a consoante nasal de travamento de sílaba não é comum.

tampa ['tẽmpa] ~ ['tẽpa]; *tinta* ['tʃĩnta] ~ ['tʃĩta]

7. [õ], [ẽ] não ocorrem sem a presença de uma nasal ou de ditongo

bom *['bõ], ['bõũ] ~ ['bõɲ]

bem *['bẽ], ['bẽĩ] ~ ['bẽĩŋ]

10 CONCLUSÃO

A escrita não representa, exatamente, os sons da fala, sendo constituída de símbolos abstratos. Esta tarefa é passada, então, para os sistemas de transcrição fonética. A ortografia, criada a partir da escrita, é um sistema congelado, que funciona como um neutralizador da variação linguística, já que num mesmo idioma, encontramos diferentes dialetos e variações na pronúncia dos fonemas.

No sistema de transcrição usado atualmente (IPA), quaisquer sons que designem um fonema ou um alofone em determinada língua são representados por símbolos próprios, individuais.

Durante toda sua história, a fonética conheceu vários sistemas alfabéticos de transcrição, como os icônicos, os orgânicos, os estenográficos e os analfabéticos. Entretanto, o mais usado e conhecido, nos dias atuais, é o do IPA (*International Phonetic Association*), que pode ser usado em conjunto com os modos de transcrição *broad* e *narrow*.

Dentre as diversas funções delegadas aos sistemas alfabéticos de transcrição fonética, está a indicação, nos dicionários, da pronúncia correta das palavras, o funcionamento como base na criação de sistemas de escrita, o auxílio no ensino de língua estrangeira e a ajuda na configuração de guias dialetais, como o que está sendo proposto neste trabalho.

A transcrição fonética voltada para um dicionário ou para um guia de determinado dialeto não é uma tarefa simples, pois não se trata de um retrato da fala de um dialeto padrão, mesmo quando é este o objetivo que se tem em mente. Existe um comprometimento estabelecido entre a representação fonética e a representação ortográfica dos vocábulos.

Desse modo, para a definição das regras de transcrição fonética apresentadas neste projeto, foram realizadas coletas de dados da fala paulista, além de pesquisas em dicionários, fornecendo, assim, um panorama geral para o auxílio na transcrição fonética desse dialeto. Tal panorama pode ser usado para diferentes finalidades, dentre elas, a elaboração de dicionários contendo o dialeto paulista, produções relacionadas à tecnologia, como reconhecimento e produção da fala, entre outras.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, David (1967) **Elements of General Phonetics**. Edinburgh: Edinburgh University Press.

_____. **English Phonetic Texts**. London: Faber and Faber. 1964.

CAGLIARI, L. C. **Ortografia na escola e na vida**. 1986.

_____. **Aspectos teóricos da ortografia**. 2007.

_____. Um modelo de transcrição fonética para um dicionário. 2011.

_____.; MASSINI-CAGLIARI, G. Fonética. In: BENTES, A.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, A. B. H.; ANJOS, M. dos e FERREIRA, M. B. (ed.). (1999). **Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 3a ed. 1999.

HOUAISS, A.; VILLAR, M S.; FRANCO, F.M.M. (ed). (2004). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro; Ed. Objetiva.

KENEDY, E. Tópicos em fonética e fonologia do português. Disponível em: http://xa.yimg.com/kq/groups/24179228/1527770554/name/apostila_eduardoken... Acesso em: 03 nov. 2011.

LUFT, Celso Pedro. (2001). **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ed. Ática. 20a ed.

PROCTER, P. (ed.). (1995). **Cambridge International Dictionary of English**. Cambridge: Cambridge University Press.

WEISZFLOG, W. (ed.). (2000). **Michaelis: moderno dicionário inglês-português, português-inglês**. São Paulo: Cia Melhoramentos.